

Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte¹

Carlos Renato de Lima Brito²

Universidade Federal do Cariri | Brasil

Cristiane Maria Galdino de Almeida³

Universidade Federal de Pernambuco | Brasil

Resumo: O tema deste artigo é a aprendizagem de música no cotidiano das organistas da igreja evangélica pentecostal Congregação Cristã no Brasil, na cidade de Juazeiro do Norte, estado do Ceará. O objetivo geral da pesquisa foi compreender como se dá a aprendizagem de música das organistas na referida igreja. Para atender a esse objetivo, foi realizado um estudo de caso, constituído a partir de entrevistas realizadas com um grupo de dez participantes. Os conceitos de cotidiano, socialização e papel social de Berger e Luckmann

¹ *Music learning in the daily life of the women organist of the Christian Congregation in Brazil in the city of Juazeiro do Norte.* Submetido em: 01/10/2019. Aprovado em: 09/03/2019.

² Biografia: É professor na área de Canto Coral e Técnica Vocal da Universidade Federal do Cariri desde 2016. É doutorando em Música na subárea de Etnomusicologia pela UFBA com pesquisa sobre a regência de corais nas igrejas evangélicas. Possui Mestrado em Música, na área de Educação Musical, pela Universidade Federal da Paraíba, abordando em suas pesquisas temas relacionados ao ensino e aprendizagem de música em diversos contextos. Atua também como regente de corais e como compositor. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5801-4582>. E-mail: renato.brito@ufca.edu.br

³ Biografia: Possui graduação em Música - Licenciatura (1987), pela Universidade Federal de Pernambuco, bacharelado em Música - Instrumento/Flauta Doce (1995), pela mesma universidade. cursou o mestrado em Música (2005) e o doutorado em Música (2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora associada 1 da Universidade Federal de Pernambuco e vice-diretora do Centro de Artes e Comunicação (CAC). Professora credenciada nos Programas de Pós-Graduação em Música da UFPE e da UFPB. Coordena o Grupo de Pesquisa Formação e atuação profissional de professores de música. Tem experiência na área de Artes/Música, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores; educação musical não-formal; educação musical e etnomusicologia; e formação de professores de música e diversidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7083-5949>. E-mail: cmgabr@yahoo.com.br

(1983) fundamentaram a pesquisa. Os resultados da pesquisa apontaram para uma aprendizagem que acontece no contexto de família e religião.

Palavras-chave: organistas; aprendizagem de música; Congregação Cristã no Brasil.

Abstract: This article's main theme is the music learning in the daily life of the women organists of the evangelical and Pentecostal *Christian Congregation Church* in the city of Juazeiro do Norte, state of Ceará, Brazil. The research's main goal was to understand how organists' music learning takes place in this church. In order to achieve this goal, a case study was carried out with a group of ten participants. The research was grounded by the concepts of everyday life, socialization, and social role by Berger and Luckmann (1983). The results of the research pointed at a learning that is characteristic of a family and religion context.

Keywords: women organists; music learning; Christian Congregation in Brazil.

* * *

Um grupo significativo de músicos brasileiros começa sua trajetória de aprendizagem musical em igrejas evangélicas. Esses cotidianos religiosos podem ser vistos como pedagógicos e musicais, levando em consideração suas atividades litúrgicas, a dinâmica de seus grupos vocais e instrumentais e as iniciativas de implantação de escolas de música para atendimento de suas respectivas comunidades.

Entre as igrejas evangélicas brasileiras, em que ações de ensino e aprendizagem de música são desenvolvidas, destaca-se a Congregação Cristã no Brasil (CCB). Está presente na CCB um ensino de música voltado para formação de músicos que, por fazerem parte dela, podem tocar nos cultos, acompanhando os hinos, enquanto a Igreja canta. Na Congregação Cristã no Brasil, as mulheres tocam órgão eletrônico e os homens tocam os demais instrumentos da orquestra. Para tocar na CCB, as organistas recebem um ensino ministrado por organistas mais experientes. Elas passam a tocar na Igreja depois de um período de instrução e da realização de testes pelos quais ingressam no acompanhamento musical dos cultos.

Com o intuito de investigar acerca da aprendizagem de música nesse contexto, desenvolvemos uma

pesquisa que buscou responder a seguinte questão: como se dá a aprendizagem de música das organistas na igreja evangélica Congregação Cristã no Brasil?

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como se dá a aprendizagem de música das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte, CE. Os objetivos específicos foram conhecer o ensino de música da referida Igreja, bem como refletir sobre o papel social exercido pelas organistas e a influência desse papel sobre essa aprendizagem. Serviram como conceitos centrais da pesquisa as ideias de cotidiano, socialização primária e secundária, institucionalização e papel social presentes no pensamento de Berger e Luckmann (1983) e Berger (1985).

Realizamos um estudo de caso (VENTURA, 2007; YIN, 2005; GIL, 2009) com a participação de 10 organistas, que foram entrevistadas segundo as técnicas da entrevista compreensiva (KAUFFMANN, 2013). O estudo de caso também foi constituído pela análise do material didático adotado na aprendizagem das organistas, do Estatuto da Igreja e do Hinário, especialmente na versão para órgão, seguindo técnicas da pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Na primeira parte deste artigo, destacamos o cotidiano das organistas participantes da pesquisa e a metodologia adotada durante o processo de investigação. Na segunda parte, procuramos elucidar os conceitos utilizados na fundamentação teórica da pesquisa. Na terceira parte do texto, enfatizamos a análise dos dados colhidos na pesquisa, através das entrevistas com as organistas e da pesquisa documental. Por fim, apontamos uma parte dos resultados, das discussões e das questões e reflexões que a pesquisa suscitou.

1. Cotidiano das organistas e metodologia da pesquisa

As atividades de educação musical que ocorrem no contexto religioso cristão têm sido estudadas por um número crescente de pesquisadores brasileiros (BRITO, 2016; LORENZETTI, 2015; NOVO, 2015; RECK, 2011). Dentre as igrejas evangélicas, a Congregação Cristã no Brasil pode ser destacada pelo seu comprometimento com a música instrumental, presente de forma acentuada em seus cultos. É uma Igreja evangélica de doutrina pentecostal que possui templos dentro e fora do país. Sua fundação se dá no Brasil em 1910, na cidade de São Paulo, no bairro do Brás, com a participação de imigrantes italianos

(CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2013). A Igreja é regida pelo Conselho de Anciães⁴ mais antigos, que se reúne na sede da Igreja na cidade de São Paulo, e se declara “uma comunidade religiosa fundamentada na doutrina apostólica” (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2013: 5). Em Juazeiro do Norte, cidade ao sul do estado do Ceará com 249.939 habitantes, onde a pesquisa foi realizada, a Congregação possui 2.319 membros (BRASIL, 2010).

Cada igreja da Congregação Cristã pode ter uma orquestra, composta por instrumentos musicais da família das cordas, das madeiras, de metais, acrescida do órgão eletrônico.⁵ Em seus cultos, o hinário chamado “Hinos de Louvores e Súplicas a Deus” (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2012) é utilizado como fonte de canções religiosas, cuja versão atual, a número 5, possui 480 hinos. Em uma celebração da Congregação Cristã no Brasil, os homens sentam de um lado do templo e as mulheres sentam do lado oposto. A música cantada pelos fiéis em uníssono é acompanhada pela orquestra. Os homens que fazem parte da orquestra tocam instrumentos de corda e sopro como violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, sax, clarinete, trompete, trombone, bombardino e bombardão, enquanto as mulheres tocam apenas o órgão,⁶ sendo uma organista por culto. Nas estantes da orquestra e na estante do órgão, constam versões adaptadas do hinário com partitura, destinadas a cada tipo de instrumento musical. Os instrumentos de transposição têm a sua partitura diferenciada, os de corda têm os sinais gráficos que definem as arcadas e o órgão tem uma versão com três pautas e dedilhação definida.

Em Juazeiro do Norte, a maioria dos músicos aprendeu a tocar nas escolinhas⁷ de música da Congregação Cristã no Brasil, que funcionam nos templos das igrejas. Os professores que atuam nesses espaços são voluntários da própria Igreja e ensinam a partir de uma organização de papéis sociais. São instrutores, instrutoras, examinadoras, encarregados de orquestra, encarregados regionais, etc.⁸ O ensino de

⁴ O ancião é uma categoria de líder da Congregação Cristã no Brasil, sendo uma espécie de supervisor de uma região geográfica. O ancião compõe, com outros anciães, o Conselho de Anciães, que atua junto às Administrações da Igreja. Nenhuma função exercida na Igreja é remunerada.

⁵ Instrumento eletroacústico de teclas que, na Congregação Cristã no Brasil, tem sido utilizado corriqueiramente na versão de dois teclados e uma pedaleira de uma oitava.

⁶ Algumas entrevistadas esclareceram que, em outros países, as mulheres podem tocar outros instrumentos. Essa regra e a aplicação dela são definidas pela liderança da Congregação Cristã no Brasil.

⁷ A expressão é usada costumeiramente pelas interlocutoras da pesquisa. Não conota qualquer depreciação à atividade de ensino de música na Igreja.

⁸ Cada termo dessa frase designa um cargo dentro do ministério de música na Igreja. Instrutor ou instrutora é aquele ou aquela que dá aula nas escolinhas de música. De modo geral, homens ensinam homens e mulheres ensinam mulheres. O encarregado de orquestra é aquele que cuida da orquestra daquela igreja. O encarregado regional ou regional, como é costumeiramente chamado,

música é organizado em torno do denominado Programa Mínimo, uma espécie de currículo, e do ensino ministrado por instrutores da igreja. Esse ensino é aplicado ordenadamente mediante a utilização de material didático. Além disso, os alunos começam a tocar na igreja a partir de um sistema de avaliação, que o insere gradativamente na dinâmica dos cultos.

Nossa pesquisa focou o aprendizado de música das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. Essas mulheres atuam em suas igrejas ou Comuns⁹ como responsáveis pela execução do órgão eletrônico durante os cultos para que são escaladas. Elas executam um extenso prelúdio, composto de uma seleção de músicas do “Hinos de Louvores e Súplicas a Deus”, antes de o culto começar, o que é chamado “meia hora” pelos membros da Igreja. Ao fim desse momento, a organista toca a nota Lá no órgão eletrônico para afinação da orquestra. Dando seguimento ao culto, ela pode executar qualquer hino dos 480 disponíveis, utilizando os dois teclados e a pedaleira do órgão eletrônico. A seleção dos hinos é feita pela “irmandade”, grupo de participantes da igreja que atende àquela celebração.

Para chegarem à posição de organista, essas mulheres passaram por um processo que inclui o estudo de divisão musical e solfejo, a execução de músicas e estudos encontrados em materiais didáticos e a aprovação em dois ou três testes. Esse processo de aprendizagem é acompanhado e orientado por uma instrutora que é uma organista já formada ou “oficializada”, como é dito na Igreja. O processo de aprendizagem da organista também inclui o conhecimento das doutrinas sustentadas pela Congregação Cristã no Brasil e uma adequação às regras de conduta social sustentadas pela Igreja. Apesar de esse processo completo poder durar mais que quatro anos, segundo levantamentos feitos na pesquisa, o número de organistas em Juazeiro do Norte no final de 2015 era de 92, somadas todas as organistas que passaram por um dos testes, conforme a Tabela 1.

Organistas e testes	Número de organistas
Oficializadas	64
Cultos Oficiais	08
Reunião de Jovens e Menores	20
Total	92

Tab. 1 – Organistas em Juazeiro do Norte em 11/09/2015

é responsável pelas orquestras das igrejas de sua região.

⁹Comum é o termo utilizado para se referir à igreja da Congregação Cristã no Brasil em um determinado bairro. Seria o templo da Congregação naquele bairro, que possui uma liderança representativa local.

As organistas oficializadas podem tocar em qualquer culto e templo da Congregação Cristã no país ou no exterior. As organistas que foram aprovadas no teste de culto oficial podem tocar apenas no Culto Oficial da igreja que frequentam. As candidatas solteiras que foram aprovadas no teste de Reunião de Jovens e Menores podem tocar apenas nessa programação, de que participa o segmento etário que dá nome ao culto. As organistas casadas farão apenas os testes de Culto Oficial e Oficialização.

O número de organistas participantes da pesquisa foi definido a partir do auxílio de uma das organistas – Miriã, que atua como examinadora na região. Após a entrevista dela, pedimos que indicasse e apresentasse outras organistas de Juazeiro do Norte, para serem entrevistadas também. Inicialmente a intenção era entrevistar um número mais expressivo de organistas (20, 30, até 40). Miriã afirmou conhecer todas as organistas da região e compartilhou o contato de 20 delas, escolhidas sob o critério de apresentarem perfis variados, entre eles, a organista que atua há mais tempo, uma organista que teve muitas dificuldades de aprendizado e uma organista que aprendeu muito rápido. As entrevistas foram demonstrando a necessidade de aprofundar mais a análise de um número menor de entrevistadas, número esse que foi sendo fechado em dez, fornecendo uma quantidade suficiente de dados para os objetivos traçados para a pesquisa. É possível afirmar que esse grupo foi representativo das 92 organistas atuantes na ocasião de coleta de dados. As 10 organistas têm idades diferentes. Oito são casadas e duas solteiras. Elas atuaram no ensino de outras organistas de algum modo e passaram pelo mesmo programa de aprendizado musical organizado pela CCB. Os nomes das organistas foram substituídos por pseudônimos inspirados na Bíblia, escolhidos por associação aleatória com nomes de personagens femininas (TABELA 2).

Nome Fictício	Estado Civil	Profissão	Função	Tempo de Oficialização
Miriã	casada	professora	examinadora	20 anos
Ester	casada	cobranças	organista	15 anos
Priscila	casada	auxiliar administrativa	instrutora	não definido
Débora	casada	secretária/ repcionista	instrutora	17 anos
Rebeca	casada	do lar	organista	44 anos
Raquel	casada	do lar	instrutora	6 anos
Hulda	solteira	psicóloga e pesquisadora	organista	6 anos
Rute	casada	do lar	instrutora	12 anos
Noemi	casada	do lar	instrutora	7 anos
Maria	solteira	estudante	organista	1,5 ano - Jovens e Menores

Tab. 2 – Informações gerais das organistas entrevistadas

Para a realização das entrevistas, foi elaborada uma grade ou questionário guia, para direcionar a interlocução com a organista, mas a entrevista era conduzida como uma conversa. A análise dos dados compartilhados nas entrevistas seguiu os processos de codificação presentes nas metodologias de pesquisa qualitativa (GIBBS, 2009; BODGAN; BIKLEN, 1994). Além das entrevistas, utilizamos a pesquisa documental para a leitura e interpretação de alguns materiais didáticos adotados ou adaptados pela Congregação Cristã no Brasil para o ensino das organistas, bem como do hinário “Hinos de Louvores e Súplicas a Deus” na versão para órgão (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2012). Também foi analisado o Estatuto da Igreja (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2013) no esforço de entender a CCB como instituição e comunidade religiosa, uma vez que o Estatuto define legalmente a estrutura e o funcionamento da Igreja.

Como conceitos centrais da pesquisa, foram utilizadas as ideias de socialização, institucionalização e papéis sociais presentes na obra dos sociólogos Berger e Luckmann (1983), que serão apresentados na sequência.

2. Fundamentação teórica

A socialização pode ser definida como o processo pelo qual o indivíduo torna-se membro de uma sociedade. A interiorização diz respeito a subjetivação das instituições, que opera de tal maneira que os valores e as práticas sociais são incorporados pelo indivíduo em maior ou menor grau. “A socialização realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica” (BERGER; LUCKMANN, 1983: 216). Para Berger e Luckmann, a socialização é bem-sucedida, enquanto processo observável, quando a realidade objetiva (de fora) está em acordo com a realidade subjetiva (de dentro), ou seja, quando o indivíduo se adequa à estrutura social do cotidiano do qual ele faz parte.

De acordo com os autores dessa teoria do cotidiano, as estruturas sociais tendem a definir os papéis com base em valores de gênero, classe, tipificação e hábito, sob a égide de suas instituições. Esses papéis podem ser bem definidos, a ponto de homens e mulheres, por exemplo, viverem em mundos diferentes, ainda que compartilhem do mesmo contexto social. Na socialização primária, esses papéis são transmitidos pelos “outros significantes”, os pais ou pelo núcleo familiar, os quais vão servir como modelos iniciais do indivíduo, de modo que a criança interiorize os papéis que lhe foram destinados. Esses modelos podem ter

a força de determinar o comportamento do indivíduo àquilo que seja mais “adequado” de acordo com os valores daquela estrutura social. Na socialização secundária, os indivíduos recebem os valores sociais a partir de outras relações sociais em outros contextos, tais como a escola, o trabalho, a religião e o Estado.

Teorias do cotidiano têm sido utilizadas na Educação Musical para entender os processos de ensino e aprendizagem (ROBERTS, 1991; HARGREAVES; NORTH, 1999; BELOCHIO, 2000; DENORA, 2004; ISBELL, 2008; SOUZA, 2004; 2008; RECK, 2011). As teorias do cotidiano possuem interesse nos processos de construção simbólica, nas regras e nas relações sociais. O conceito de cotidiano é complexo em todas as suas abordagens (HELLER, 1972; CERTEAU, 1998; PAIS, 2003), apesar de parecer tão obviamente vivenciado. Como Louro e Souza afirmam: “o conceito é ao mesmo tempo geral, abstrato, mas também concreto e individual. Existem no mundo da vida dimensões tão diferentes que não se devem estabelecer categorias rígidas” (LOURO; SOUZA, 2013: 20). Por ser um conceito multifacetado, permite àqueles que dele se valem, um auxílio “para compreensão da experiência musical”. Para Louro e Souza, “estudar o cotidiano é considerá-lo em sua complexidade, não dissociando de teoria e prática, saberes formais e cotidianos, dados relevantes cientificamente, observadores e observados, conteúdo e forma” (LOURO; SOUZA, 2013: 21).

A aprendizagem pode ser definida como o processo pelo qual “alguém se apropria ativamente da experiência humana, daquilo que seu grupo social conhece” (DAVIS; OLIVEIRA, 2010: 26). De acordo com Berger: “Do ponto de vista da psicologia, a socialização pode, é claro, ser descrita como um processo de aprendizado. A nova geração é iniciada nos sentidos da cultura, aprende a participar das duas tarefas estabelecidas e a aceitar os papéis bem como as identidades que constituem a estrutura social” (BERGER, 1985: 28).

No que Berger e Luckmann chamam interiorização, a realidade objetiva, construída a partir de relações sociais, se torna parte do indivíduo, resultando numa aceitação do papel social, que varia em graus de identificação. Esta interiorização e aprendizagem acontece primeiro no lar, na família de origem, de modo mais forte e permanente, depois acontece em outras instituições sociais como empresas, clubes, igrejas, etc. O indivíduo terá um papel na estrutura social e, para que isso seja bem-sucedido, ele terá que passar por um processo de aquisição de conhecimento, o qual está presente e disponível de diversas formas no cotidiano.

De modo geral, na Congregação Cristã no Brasil, os papéis de homens e mulheres da comunidade religiosa são definidos a partir de crenças religiosas e de valores ligados a costumes e práticas da Igreja. Esses

papéis são aprendidos através da influência familiar, quando o lar é formado por membros da Congregação e através da socialização secundária, quando os fiéis passam a adotar para si os valores estabelecidos pelo grupo social em questão. Há também mecanismos de controle social para o que seria considerado “desvio de conduta”, que pode resultar no afastamento do indivíduo da Igreja ou da impossibilidade de participação mais ativa nas atividades eclesiais. Desse modo, considerando a Congregação Cristã no Brasil a partir dessa dinâmica, homens e mulheres assumem papéis distintos na Igreja, constituindo assim uma ordem social que se estende até mesmo às atribuições desses grupos na execução da música nos seus cultos.

Na pesquisa, a aprendizagem de música das organistas da Congregação Cristã em Juazeiro do Norte pode ser entendida em termos de interiorização, postulados pela teoria do cotidiano brevemente descrita acima. A Congregação Cristã no Brasil é uma estrutura social, composta por instituições, que incluem suas doutrinas, suas regras de conduta, sua liturgia, seus valores, sua música e seu ensino de música. As organistas que fazem parte dessa estrutura passam por processos de interiorização dessas instituições, podendo assumir adequadamente um papel social que ajuda a construir, a reforçar e a modificar a estrutura e a dinâmica social. Essa interiorização das instituições presentes na estrutura social é dialógica e envolve processos de negociação entre o sujeito e a sociedade. De acordo com Berger e Luckmann, “este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada” (BERGER; LUCKMANN, 1983: 177).

Diante disso, cada pessoa responderá à socialização de modo peculiar, adequando-se mais ou menos aos valores da estrutura social. Apesar de compor uma sociedade que procura defini-la de acordo com um papel na estrutura, ela vai assumir esse papel de modo negociado e único.

Entre outros resultados, as entrevistas e a pesquisa documental realizadas nesse contexto apontaram que a aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte é familiar e religiosa. Trataremos, na seção seguinte, sobre as entrevistas das organistas, abordando questões relacionadas à música na vida familiar, o entendimento das organistas a respeito do Programa Mínimo, bem como a exposição de alguns depoimentos de facilidades e dificuldades com o aprendizado.

3. A aprendizagem de música das organistas

A religião e a música estão presentes de modo significativo no cotidiano das pessoas. Ambas são capazes de transcender a vida diária (BERGER; LUCKMANN, 1983: 61) e são contundentes nos processos de construção do mundo dos seres humanos, o mundo caracterizado pelas relações sociais (BERGER, 1985: 15). Destaca-se, nos relatos das organistas, o aprendizado de música na família, especialmente a música que faz parte do dia a dia da Congregação Cristã no Brasil. Entre as dez participantes, apenas duas organistas relataram que seus pais não se envolveram com a música da Igreja. Apesar dessas duas exceções, todas as demais afirmaram que os pais, irmãos ou parentes eram músicos da Congregação Cristã no Brasil e esse fator foi decisivo nos primeiros passos de aprendizagem de música. O compartilhamento com seus familiares, do gosto pela música, é apresentado por Hulda, quando afirma:

Bem, na minha casa, eu já tenho muito contato com música, porque eu tenho familiares que tocam, bem apegados a questões musicais. Meus primos, que tocam violão, meu avô, quando era bem mais novo, tocava instrumentos também. Meu pai tocava violão também. Eu sempre gostei muito de música, muito mesmo. Meu irmão também desenvolveu esse gosto, tanto que hoje ele toca violino na Igreja (HULDA).¹⁰

A organista destaca que familiares eram muito “apegados a questões musicais”. Eles tocavam instrumentos musicais. Esse contato com a música na família se harmoniza com determinado gosto pessoal pela música que, de acordo com a organista, pode ser desenvolvido, como aconteceu com o irmão dela. O ambiente familiar e a música que soa nele se tornam peças importantes na construção do interesse pela música e do gosto musical.

Momentos em que a música se fazia presente na rotina familiar das organistas foram destacados com frequência. Débora relata ocasiões em que a família se reunia com os amigos da Igreja para cantar e tocar: “É, lá em casa, juntava todo mundo e cantava mesmo. Na época em que eu estava em casa, só mais cantavam a música e aqueles que tocavam instrumento também levava e tocava também” (DÉBORA).

¹⁰ Para este artigo, optamos pela remoção de algumas marcas da oralidade na fala das organistas, tais como repetições, interjeições, inversões, etc. Essa opção visa dar ao texto uma leitura mais fluente, preservando o conteúdo das contribuições dadas pelas participantes da pesquisa. Na dissertação, que é também resultante da pesquisa, as falas das organistas são apresentadas tais como se deram nas entrevistas (BRITO, 2016).

A presença da música se dá em tempos de reunião e de partilha. A reunião é expressa nos termos “juntava todo mundo” e a partilha de conhecimentos pode ser notada na iniciativa de levar o instrumento para acompanhar o canto. A prática musical em realce é o canto coletivo. Esse canto é retratado como intenso e comunitário.

Por vezes, a música pode estar tão presente na família que a mesma caracteriza o lar. Priscila expressa que a música era parte essencial da rotina familiar.

Eu costumo dizer que a minha casa era a casa da música. Meu pai e minha mãe sempre tocaram na Igreja. Minha mãe sempre teve o órgão em casa e isso aí inspirava a gente a sentar e tocar. E assim, o que eu me recordo foi o primeiro hino que eu aprendi a tocar do antigo hinário quatro, o 139, muito pequenininha. Acho que eu tinha uns seis, sete anos. Eu me recordo, que eu sentei e a minha mãe disse: “Nossa! Mas você conseguiu tocar!”. Fui juntando uma mão na outra. Então, eu acho que é isso. Consigo lembrar bem (PRISCILA).

Na fala da organista é possível traçar uma ligação entre a música na família e o aprendizado de um hino da Igreja. De acordo com Priscila, havia incentivo em casa para que ela aprendesse a canção religiosa. Priscila aprendeu a tocar o hino por imitação e o destaque da mãe ficou marcado na memória da organista. Como afirmam Berger e Luckmann (1983: 180) “o mundo da infância é maciço e indubitavelmente real”, e nele “não há problema de identificação”. (1983: 182)

Os depoimentos apresentados acima apontam para um processo de socialização de conhecimentos musicais que acontecem na dinâmica dos relacionamentos familiares. Seja naquelas famílias cujos membros faziam parte da Congregação Cristã, seja nas famílias mais distantes da Igreja, a música está presente no cotidiano e pode ser lembrada pelas organistas como ponto de partida para a aprendizagem musical. Na família, as interlocutoras da pesquisa passam a fazer parte do mundo de seus pais e são apresentadas às estruturas sociais pelas quais os adultos transitam. Esse processo, chamado socialização primária por Berger e Luckmann (1983), é essencial para o tornar-se humano, uma vez que o mesmo pode ser entendido como um ser social.

O início e a continuidade do estudo do órgão na Congregação Cristã no Brasil são vivenciados de modo religioso. Nesse sentido, um “buscar a Deus” se apresenta importante para ingresso no aprendizado do instrumento.

Então, aí eu fui à casa dela pedir pra estudar música. Ela foi dar conselho, falar da doutrina, que tinha algumas coisas que a gente ia ter que deixar. Não podia usar calça... Esse tipo de orientação doutrinária. Ela falava que a gente tinha que buscar a Palavra pra estudar a música. Buscar a Palavra seria eu ir à Igreja e pedir algum sinal de Deus pra saber se era da vontade de Deus que eu seria uma organista ou não. Eu não sabia o que era buscar a Palavra. Eu acho que a minha mãe que buscou. Eu não sabia o que era isso. Aí a gente começou a frequentar nessa prima do meu pai. Nós levantávamos cedo, porque minha mãe tinha a Ester bebê, meus irmãos cuidavam. A gente ia cedo, pra voltar cedo, pra minha mãe poder cuidar da casa (MIRIÃ).

O relato de Miriã expõe uma relação entre a religião e a aprendizagem de música. A organista conta que, quando decidiu que iria estudar música, ainda muito jovem, foi a casa da responsável pelas aulas de órgão “pedir para estudar música”. Miriã destaca que a instrutora “foi dar conselho”, o qual era constituído de questões religiosas, relacionadas à doutrina, ao modo de se vestir, a uma moralidade a ser cultivada, visivelmente exigida pela fé, que ganhava outra proporção, outro nível de comprometimento, a partir do envolvimento da menina com o ministério de organista. Um elemento interessante da fala de Miriã diz respeito à orientação da instrutora de se “buscar a Palavra”, “ir à Igreja” e “pedir algum sinal de Deus”. É possível afirmar que, influenciada pela ordem social presente na religião, a instrutora orientou a candidata a ter convicção de que a aprendizagem do órgão não era apenas um desejo de aprender a tocar, mas uma expressão da vontade divina. Para entender essa vontade, a aluna deveria se valer dos meios religiosos pelos quais se acredita poder acessar o querer de Deus para a vida pessoal. É interessante que Miriã destaca não haver entendido inicialmente o que seria “buscar a Deus”. Na visão de Miriã, ela era muito jovem para empreender essa busca.

De acordo com Berger, a religião tem a função de dar um caráter de plausibilidade às instáveis estruturas sociais, conferindo sentido a elas (BERGER, 1985). Quando se tem uma fé religiosa, o indivíduo pode se identificar mais com um papel social, já que ao mesmo é atribuído um significado mais elevado e transcendente. Nesse ponto, o autor afirma:

O indivíduo só pode se identificar com um papel na medida em que os outros o identificaram com ele. Quando os papéis, e as instituições às quais eles pertencem, são investidos de importância cósmica, a auto-identificação cósmica com eles atinge uma nova dimensão. Com efeito, agora não só os outros seres humanos que o reconhecem da maneira apropriada ao seu papel, mas também os seres supra-humanos com que as legitimações cósmicas povoam o universo. Sua auto-identificação com o papel se torna por conseguinte mais profunda e estável (BERGER, 1985: 50).

Rebeca relatou, em sua entrevista, que começou nos estudos musicais devido a cura de uma

enfermidade. Na visão dela, Deus lhe estava comunicando a vontade de ela se dedicar à música através desse acontecimento. Em decisões assim, é possível encontrar os elementos contidos na análise de Berger (1985). Rebeca teve a identificação dos outros, relativa à possibilidade de exercer a função de organista na Igreja. Esse papel foi reforçado e ganhou um sentido cósmico. Esse sentido cósmico tornou a auto-identificação de Rebeca com o papel de organista mais profundo e estável.

Para compreendermos esse processo de aprendizagem, fez-se necessário conhecer o currículo das aulas de música da Congregação Cristã no Brasil. Currículo pode ser definido como o que ensinar por um processo seletivo, que inclui e exclui aquilo que se julga importante à luz de objetivos educacionais estabelecidos (SILVA, 2003: 14-15). O Programa Mínimo,¹¹ como currículo, inclui o material didático adotado pela Igreja, bem como o repertório musical a ser executado para cada teste de admissão da organista na orquestra da igreja (TABELA 3).

Tempo	Material Didático	Hinos	Testes
1º e 2º ano	Bona (1996). Método Completo de Divisão Musical. Russo (1998). Método infantil para piano com ilustrações. Köhler (1947). O pequeno pianista. Schmoll (1996a). Novo método para piano. Vol. 1. Schmoll (1996b). Novo método para piano. Vol. 2. Bull (s.d.). 25 pequenos estudos. Escalas maiores (uma oitava).	431 a 480	Reunião de Jovens e Menores
3º ano	Schmoll (1996b). Novo método para piano. Vol. 2. Bull (s.d.). 25 pequenos estudos. Burgmüller (1963). Vinte e cinco estudos fáceis e progressivos. Escalas maiores e menores (uma oitava).	1 a 430 e coros	Culto Oficial
4º ano	Burgmüller (1963). Vinte e cinco estudos fáceis e progressivos. Bach (1963). O pequeno Livro de Anna Magdalena Escalas maiores e menores (duas oitavas).	1 a 480 e coros a quatro vozes e pedaleira	Oficialização

Tab. 3 – Tempo, material didático, hinos e testes

¹¹ Atualmente, a Congregação vem desenvolvendo seu próprio material didático (métodos de estudo), com o intuito de oferecer meios mais adequados à execução do Hinário 5. Não tivemos acesso a esse material na fase de coleta de dados da pesquisa.

As aulas na Igreja incluem conceitos introdutórios, seguidos do curso de solfejo. Rute destaca quais conceitos musicais introdutórios são tratados nas primeiras aulas: "O que é a música, em quantas partes ela é dividida, o que é som, altura, intensidade; o valor de uma nota, os nomes das notas... Começamos a estudar, conhecer o Bona... Todos nós temos que estudar pra saber o nome de cada nota, a divisão..." (RUTE).

O curso de solfejo, incluído no programa de ensino de música da CCB, é chamado "Bona" pelas organistas, fazendo referência ao Método Completo de Divisão Musical do professor do Conservatório de Milão do século XIX, Pasquale Bona (1996). Essa iniciação parece não ter sido muito agradável para uma parte delas. Miriã afirmou "que era a pior parte". Segundo ela: "Eu odiava isso! O que eu queria era tocar! Aí quando eu cheguei na lição 90 do Bona, eu entrei e comecei a tocar o órgão (MIRIÃ)".

As aulas de música nas escolinhas da Congregação Cristã no Brasil ocorrem uma vez por semana. O horário das aulas é estendido pela manhã, das 9h às 12h, ou a tarde, das 14h às 18h. Cada escolinha tem o seu horário definido e sua dinâmica própria. Podendo ter uma ou mais instrutoras por aula, as alunas daquela igreja chegam no horário marcado, e a aula é iniciada com oração, momento em que todas se ajoelham e fazem suas preces usando véu. A partir de então, algumas alunas apresentam a lição de solfejo, outras apresentam músicas do material didático e outras tocam canções do hinário. Alunas e instrutoras revezam-se e, à medida que a aluna termina suas tarefas, volta para casa. Pode acontecer de alunas chegarem um pouco mais tarde. Essas se ajoelham e oram sozinhas antes de iniciar a sua vez de prestar contas do seu estudo durante a semana. As dinâmicas das escolinhas mudam um pouco de acordo com o modo de ensinar das instrutoras. Noemi explica como costuma organizar as aulas na escolinha onde atua como instrutora:

Eu faço com elas assim. Se tem duas que estão no MTS, no Bona, eu pego a lição do Bona de cada uma. Aí aquelas que estão só no Bona, eu explico a lição pra elas estudarem a próxima aula, explico a teoria... Vamos supor, primeiro módulo, segundo módulo... Então a gente vai fazer uma provinha. Eu explico na lousa o que elas vão estudar, a parte do Bona... Se ela está só no Bona, é Bona e teoria. Aí, aquela outra, se ela está no Bona, e no MTS (que é MTS, não é mais Bona) e no órgão. Então, uma semana passa MTS e os hinos. A outra semana, teoria e método. Como agora teve uma mudança na parte de MTS, a gente está formando agora em grupo. Vai ser em grupo agora (NOEMI).

A expressão MTS na fala da organista é a abreviação de Método de Teoria e Solfejo (2009), publicado pela Igreja, adaptação que a Congregação Cristã no Brasil fez do Método Completo de Divisão Musical (BONA, 1996). Nesse material didático é feita uma contextualização do curso de solfejo à realidade dos

cultos da Igreja, com a inclusão de hinos nas lições ou módulos, bem como de explicações relacionadas a assuntos da teoria musical. No período da coleta de dados da pesquisa, estava em curso uma mudança do programa de ensino adotado pela Igreja, o que fez, por exemplo, com que o Bona (1996) fosse substituído pelo Método de Teoria e Solfejo - MTS (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2009) e que o Czerny (1932) fosse também adotado.

Os relatos das organistas incluem testemunhos de facilidades de aprendizagem musical e outros testemunhos de dificuldades de aprendizagem musical no contexto investigado. Ester destaca ter tido facilidade no aprendizado. A facilidade de aprender os conteúdos era preponderante a ponto de a organista não entender por que outras organistas não aprendiam da mesma forma que ela. De acordo com Ester, “pegar um hino assim e tocar era natural”, ela “não olhava muito” o que estava tocando. Para ela, “era meio que natural, assim, automático, tocar”. A facilidade com que Ester aprendeu a tocar os hinos da Igreja é expressa no termo “natural”. Criada em um lar de evangélicos e educada na música da Congregação desde muito cedo, com a exigência do pai, tendo uma irmã mais velha já oficializada e envolvida na formação de outras organistas, tocar hinos não era algo estranho ou difícil para Ester. É significativo quando utiliza o termo “automático” em sua fala, pois “automático” é usado para explicar o termo “natural” e pode designar uma condição de aprendizado que dispensa o treinamento excessivo, a necessidade de leitura constante da partitura, a passagem por estágios mais divididos e mais demorados de assimilação das peças musicais.

Em contrapartida, Maria relata suas dificuldades, especialmente a de “juntar as duas mãos”. No relato de aprendizagem da organista, ela conta que um procedimento adotado no início de seu aprendizado foi de estudar as músicas tocando primeiro o que constava para mão direita, depois, para a mão esquerda. Ela sentiu dificuldade de tocar as duas mãos ao mesmo tempo. Maria também teve dificuldade de tocar hinos com sustenidos na armadura de clave. Ela acha as músicas com bemóis mais fáceis de tocar. Além disso, Maria acha menos complicado aprender a tocar os hinos do que aprender a tocar as lições dos materiais didáticos.

Como Débora não tinha um órgão eletrônico em casa e tinha um teclado, ela confeccionou uma pedaleira de papelão, para fazer o movimento com os pés ao tocar o teclado. Desse modo, a organista se preparava para tocar no instrumento a que tinha acesso somente na igreja. Outras organistas também falaram da dificuldade que elas têm em não ter o instrumento em casa ou até sobre o seu instrumento precisar de manutenção, o que tem faltado na cidade de Juazeiro do Norte. Débora destaca, além disso, a

mudança que aconteceu entre as versões 4 e 5 do hinário. Para ela, “mudou o estilo completamente do hinário”, o que a levou a estudar, mesmo já sendo oficializada. As entrevistas mostram que a aprendizagem das organistas é contínua. Como Débora também menciona, há uma aprendizagem na instrução de outras organistas. Ela salienta que é “instrutora”, tinha que passar conhecimento “para as meninas”, o que motivou a organista a estudar. Priscila também disse ter incrementado sua aprendizagem com o ensino, mas Ester e Rebeca manifestaram não ter muita paciência para ensinar.

O relato mais emocionado de dificuldades de aprendizagem e superação dessas dificuldades através de persistentes estratégias é o de Noemi. O relato de aprendizagem de Noemi se confunde com sua história de vida e de fé, à medida que vai sendo construído por sua fala eloquente e calorosa. Noemi começa afirmando que tinha muitas dificuldades. Segundo ela, “não conseguia aprender o nome daquelas notas”. Não conseguiu encontrar de imediato vaga para estudar na igreja do seu bairro, tendo que se deslocar a pé para um bairro vizinho, sofrendo com as intempéries do tempo. Não tinha o instrumento para estudar em casa, até que conseguiu um teclado. Já era adulta e mãe quando começou a estudar, por isso, tinha que cuidar dos filhos e trabalhar. Sentia muita vontade de desistir, mas seu fascínio pela música a atraía para os estudos. De acordo com ela: “tinha algo em mim, que eu me apaixonei pela música” (NOEMI). A maior dificuldade relatada pela organista foi o fato de ela ter sido reprovada no primeiro teste de oficialização que fez. Nos termos usados por Noemi: “foi no tempo que eu fui reprovada. Passou as noventa e nove, e ficou uma”.¹²

Apesar dessas dificuldades, as estratégias de aprendizagem são claras e incluem estudo persistente e exercício religioso. O estudo da música e o exercício da religiosidade são encontrados nas mesmas falas da organista. Sobre as fases iniciais de aprendizado, Noemi conta: “E nas minhas horas vagas, eu ia no banheiro do trabalho, se ajoelhava (sic), orava, pedia a Deus, pegava um pouquinho o Bona. Acordava na madrugada, pegava o Bona, estudando um pouquinho, porque sempre mexeu comigo a parte de música” (NOEMI).

A vitória da organista, relacionada à aprovação em outro teste de oficialização também é expressa em termos religiosos.

¹² Uma alusão à parábola da ovelha perdida, contada por Jesus (ver Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos de 3 a 7). A organista se identifica com aquela ovelha que se perdeu e foi achada pelo pastor.

Para a honra e glória de Deus, antes de um ano e pouco, eu fui fazer e passei. Aí, Miriã disse: “Agora você pode chorar de alegria, não mais de tristeza, porque a gente ficou muito feliz”. Mas eu nunca desanimei na parte da música, porque eu acho assim: quem tem vontade, não tem o desejo, porque o desejo persevera. Você tem desejo, você consegue. Então, tinha vez que eu deixava em casa tudo por fazer e ia estudar. Para honra e glória de Deus, eu passei. Fiz a prova. Para honra glória de Deus, eu fui oficializada, mas foi debaixo de luta, de choro. Foi assim (NOEMI).

É possível, portanto, notar que a aprendizagem das organistas na Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte é marcada por uma relação com a estrutura social da Igreja (BERGER; LUCKMANN, 1983) que atribui aos processos pedagógicos e musicais um significado espiritual (BERGER, 1985). Essa ligação da aprendizagem com a estrutura social pode ser notada na expressão de toda trajetória das organistas, desde o ingresso no Programa Mínimo da Igreja, passando pela preparação para os testes, até a oficialização da organista, evidenciando a Igreja como “comunidade religiosa” (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2013). A aprendizagem das organistas tem forte influência da família e é marcada por um senso da orientação de Deus, que chama para o ministério de música na Igreja e auxilia no desenvolvimento musical da organista. O estudo e a execução do órgão eletrônico na CCB são considerados meios de adoração, explicados em termos religiosos e ordenados pelos valores espirituais e sociais da Igreja.

4. Considerações finais

Os processos fundamentais pelos quais o indivíduo se torna membro da sociedade podem ser observados nos relatos compartilhados pelas participantes da pesquisa. A maioria das organistas destacou a influência dos pais e de outros familiares como impulsionadora da aprendizagem do órgão, que pode começar dentro de casa, em alguns casos. Na experiência das organistas, as músicas dos pais fazem parte da memória delas e são trazidas à tona com saudade, evidenciando a influência que a dinâmica musical da família teve sobre as primeiras concepções que as organistas construíram de música e de fruição musical.

A aprendizagem das organistas da Congregação Cristã no Brasil também pode ser compreendida como familiar no sentido de haver um processo de socialização que contempla a música da Igreja. O que é cantado na Igreja pode ser também cantado e tocado em casa. O que é ensinado na Igreja pode ser também ensinado em casa. Como a mãe também atua como instrutora na Igreja, ela pode transmitir para a filha, em casa, as mesmas orientações e as mesmas tarefas que são repassadas na Igreja. Salientamos que o ambiente familiar e o ambiente eclesial são diferentes. Ambos têm as suas dinâmicas próprias e as suas exigências.

Apesar disso, esse contato mais estreito entre o ensino ministrado na Igreja e o ensino encaminhado em casa pareceu uma vantagem para as organistas entrevistadas que tiveram essa experiência. As organistas que compartilharam não ter ninguém em casa interessado em música relataram o fato como sendo uma desvantagem.

A aprendizagem das organistas da Congregação Cristã no Brasil também pode ser compreendida como religiosa. Fica claro que a aprendizagem de música e a religião das organistas estão entrelaçadas de tal maneira que os dois fenômenos sociais não podem ser desvinculados no caso estudado. Esse processo também pode ser atribuído a uma socialização. Nesse processo, as instituições sociais que foram tornadas objetivas pela exteriorização humana, começam a fazer parte das estruturas internas da pessoa e passam a ser reais subjetivamente, influenciando a pessoa no sentido de ela assumir um papel nessa ordem social, definido por uma série de tipificações (BERGER; LUCKMANN, 1983). Considerando que a religião apresenta formas de dar sentido cósmico, sagrado e transcendente ao mundo (BERGER, 1985), a aprendizagem de música das organistas é compreendida e buscada nos termos da fé e da vida cristã. Esse entrelace entre aprendizagem de música e religião pode ser interpretado à luz da fé cristã, que considera todos os aspectos da vida ligados às obrigações do fiel, incluindo os estudos da música.

Como evidência desse entrelace da aprendizagem de música e religião, destacamos a prática de “buscar a Palavra”, “orar” ou procurar a “direção do Espírito Santo”, para saber se realmente a fiel deve se tornar aluna, dando início a seu curso na Igreja. Nesse ponto, notamos nas falas das organistas ser essencial que as mesmas tenham a “aprovação de Deus” para poderem ingressar nos estudos. Não basta ter apenas vontade de estudar música ou interesse de tocar órgão. É necessário que a inclinação pessoal para o instrumento ou para música seja conciliada com a vontade divina de se tornar, pela orientação do Espírito Santo, uma “irmã organista”. Essa obediência à ordem de Deus decorre da prática religiosa, que estipula meios pelos quais se pode compreender o que Deus deseja. Assim, a candidata, a família e a Igreja podem “buscar a Deus em oração”. De acordo com essa concepção, Deus pode manifestar o querer dele através de um “desejo que Ele coloca no coração”, de uma “palavra” trazida pelo líder, de uma oportunidade de estudo musical na Igreja, etc. Esses “sinais” são interpretados como uma resposta de Deus. Consequentemente, não há outra alternativa para a devota a não ser fazer o que Deus ordena. Essa decisão por iniciar os estudos em música para tocar na Igreja é tomada de modo religioso, fazendo com que a aprendizagem de música ganhe proporções mais amplas e mais profundas.

As orientações dadas pelas instrutoras a suas alunas, relativas a assuntos do comportamento social das organistas, da necessidade de se “dedicar mais a Deus” e do atendimento às normas da Igreja relativas à vestimenta são também evidências do entrelace da aprendizagem com a religião. Parte da formação das organistas inclui conhecimentos que vão além da música e precisam ser aprendidos se a aluna deseja se tornar organista na Igreja. Esses conhecimentos dizem respeito àquilo que a religião entende ser a moral adequada a uma mulher cristã. Como a organista exerce um serviço na Igreja que a põe em evidência, ela acaba se tornando um espelho ou exemplo para as outras mulheres. Conseqüentemente, ela passa a ser mais cobrada por todos, uma vez que ela ocupa, nesse contexto, uma posição privilegiada, devendo influenciar as demais mulheres da comunidade onde atua. Essa cobrança pode ser encarada como lógica pelas organistas. Uma das participantes da pesquisa expressou que, já que a organista está ali para louvar a Deus, então deve se portar corretamente diante de Deus. Desse modo, a aprendizagem de música das organistas é religiosa no sentido de incluir valores éticos decorrentes da crença religiosa, que são julgados essenciais para o desempenho da prática musical na Igreja.

Além disso, o modo pelo qual as organistas podem encarar suas dificuldades de aprendizagem, como uma barreira a ser vencida através da fé e da “dependência de Deus”, demonstra também como a religião e a música estão ligadas no aprendizado de música na Congregação Cristã no Brasil. Assim, não basta apenas estudar, é necessário também “colocar os joelhos no chão”, expressão que alude à oração ou à prática religiosa de “falar com Deus”. Quando algo fica difícil de aprender e a avaliação nos testes não é favorável, isso pode ser interpretado pelas organistas como uma “provação” permitida por Deus, ou como oportunidade de “crescimento espiritual” que não deve fazer com que a aluna desista, mas siga perseverante em seus estudos musicais, já que Deus pode dar vitória sobre aquelas dificuldades. Nesse sentido, a experiência pessoal pode ser interpretada como parte de uma cosmologia maior que, por assim dizer, é vivida em paralelo com o mundo espiritual, ficando mais fácil de ser aceita pelo indivíduo porque possui um sentido mais amplo e mais importante do que o “aqui e agora” (BERGER, 1985). Desse modo, já que os servos de Deus estão lutando contra o “mal”, eles podem vencer as dificuldades perseverando em servir a Deus naquilo para que foram divinamente vocacionados e, no caso das organistas, perseverando nos estudos do órgão.

Por fim, o propósito declarado, pelas organistas, dessa aprendizagem, que é a adoração a Deus, evidencia que a aprendizagem do órgão eletrônico é vivenciada pelas participantes desta pesquisa como uma trajetória de devoção religiosa e de enriquecimento espiritual. Tocar órgão não é o fim da aprendizagem,

nem mesmo a música é o fim da aprendizagem, mas o louvor a Deus através da música e através do órgão. Esse propósito não está necessariamente relacionado ao incremento das capacidades cognitivas. Também o propósito religioso de se estudar música não oportuniza necessariamente transformação social das organistas nos termos de melhoria das condições de vida. Um propósito religioso para a aprendizagem de música está mais diretamente relacionado a uma satisfação interior que vê sentido na interpretação do mundo que aquele credo religioso provê e se amplia na possibilidade de entrar em contato com o que transcende a própria existência, que é divino e que encontra voz nos sons da música e nas notas dedilhadas nos teclados. Esse “ser tocado pelo divino” pode justificar todo sacrifício, tendo consequências contundentes para as práticas de ensino e de aprendizagem na Congregação Cristã no Brasil e em outros contextos religiosos.

É possível também compreender o modo como se dá a aprendizagem de música no cotidiano das organistas como institucional. De acordo com Berger e Luckmann (1983), o processo de socialização é bem-sucedido quando o sujeito assume como seus os valores e as práticas próprias das instituições sociais, mantendo-as através do tempo, a despeito da instabilidade inerente que as estruturas sociais possuem. Essa interiorização das instituições sociais culmina na aquisição de um papel social que possui funções definidas e acesso a uma parcela do conhecimento acumulado por aquela instituição (BERGER; LUCKMANN, 1983).

A aprendizagem das organistas se dá pela relação que elas têm com a Igreja. Esta, enquanto instituição social, que possui um contexto histórico, uma administração, uma liderança religiosa e uma doutrina, também possui um currículo pedagógico-musical para formação das organistas. Esse currículo, chamado Programa Mínimo, contém os materiais didáticos adotados pela Igreja, bem como uma ordem de aplicação dos mesmos, incluindo os testes para os quais as alunas devem se preparar e a atividade de pessoas que estão habilitadas para dar aula nas escolinhas de música e para manter o funcionamento do serviço religioso. As alunas aprendem o que está no Programa Mínimo, já definido pela instituição, constituindo-se como fator determinante da aprendizagem musical, uma vez que a Congregação Cristã no Brasil intenciona manter a unidade de crenças e de práticas, inclusive musicais. Nesse caso, todas as organistas oficializadas devem ser capazes de tocar o que a Igreja define que deve ser aprendido, para que as mesmas possam tocar nos cultos.

A aprendizagem das organistas é institucional no sentido de elas assumirem um papel social bem definido dentro da Igreja. Esse papel social lhes confere tarefas específicas, dentro de uma estrutura

organizada sob princípios de centralização e descentralização administrativa. Nesse sentido, a aprendizagem das organistas é vivenciada dentro da Congregação Cristã no Brasil, não podendo ser separada de seu contexto. O papel social exercido pelas organistas inclui tarefas que são atribuídas às mulheres. Essa atribuição de tarefas foi interpretada pelas organistas entrevistadas como restrição, imposição, manutenção da tradição, medida de organização estrutural e meio de manter uma atitude de comunhão com Deus a ser cultivada no culto, pela divisão de lugares para homens e mulheres no templo. Para nós, essa divisão de tarefas por gênero não pode ser entendida de modo descontextualizado, devendo ser interpretada mais nos termos da religião em questão do que por concepções alheias a esse espaço de convivência.

Desse modo, a aprendizagem de música das organistas da Congregação Cristã no Brasil foi compreendida como familiar, religiosa e institucional. Esses três aspectos da aprendizagem estão interligados nas falas das organistas, reforçando-se um ao outro e entremeando-se no sentido de formarem um fenômeno único, mas complexo. Podemos notar que os lares podem ser extensões da Igreja, que a religião se expressa em termos institucionais e que a música aprendida na vivência das participantes perpassa processos de socialização que abrangem a vida em sociedade e a vida na Igreja. Esse fenômeno é complexo, considerando seus processos múltiplos, presentes nas dinâmicas sociais e subjetivas, vivenciadas pelas participantes da pesquisa.

Os resultados da pesquisa que foram selecionados para figurar neste artigo nos conduziram a duas importantes reflexões. A primeira delas diz respeito ao fator motivacional da aprendizagem de música. Professores e professoras de música podem notar que o interesse pela aprendizagem e o entusiasmo pelas atividades de ensino são essenciais para a permanência e para o sucesso de estudantes de música em classes de ensino de instrumentos musicais e canto. A experiência das organistas destaca que valores relacionados à religião ou a crenças em realidades transcendentais ou até sentidos mais elevados do que a atividade musical em si, como, por exemplo, transformação social e humanização das relações interpessoais, podem tornar a aprendizagem de música mais significativa e mais eficiente. Essa reflexão nos impõe um grande desafio. É que o pensamento contemporâneo tem desconstruído todas as meta-narrativas clássicas que outrora explicavam a vida, deixando pouco espaço para o espiritual e para o afetivo da experiência humana. Restam saber se existem novas possibilidades que não sejam a simples manutenção de antigas verdades, tal como são preservadas nas estruturas sociais presentes na Congregação Cristã e nas demais igrejas cristãs brasileiras. Se novas possibilidades de dar sentido à vida existem, é necessário refletir como elas podem ser aplicadas a

um ensino de música que promova a cidadania e seja compatível com a dignidade humana.

A segunda reflexão a que somos conduzidos diante da apresentação desses resultados da pesquisa diz respeito ao protagonismo feminino presente em uma estrutura ainda marcada pelo patriarcado. Ainda que haja uma divisão clara de tarefas entre homens e mulheres na instituição religiosa e que homens exerçam funções de liderança dentro da Igreja, as ações de ensino e aprendizagem de música dessas mulheres evidenciam um esforço de resistência, pelo qual as organistas ganham posições de destaque entre si e nas atividades religiosas da Igreja. Esse protagonismo inclui a aquisição e transmissão de conhecimento musical, a performance artística e a liderança da orquestra, composta principalmente por homens, mas que possui um único instrumento solista, o órgão, tocado exclusivamente por mulheres. Desse modo, as organistas protagonizam a música na Congregação Cristã no Brasil no ensino e na performance musical.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela vida. Agradecemos a nossas famílias pelo apoio e amparo. Agradecemos às 10 organistas participantes da pesquisa que compartilharam conosco suas experiências de vida e seus vastos conhecimentos espirituais, pedagógicos e musicais. Agradecemos a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Bolsa de Auxílio Social que custeou boa parte das despesas com a pesquisa. Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba por todo apoio logístico e institucional. Agradecemos a Universidade Federal do Cariri e a Universidade Federal de Pernambuco, onde atuamos como docentes.

REFERÊNCIAS

- BACH, Johann Sebastian. *O pequeno livro de Anna Magdalena: 20 peças fáceis*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1963.
- BELLOCHIO, Claudia Ribeiro. *A educação Musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor*. 2000. 423 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed.

Paulinas, 1985.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knapp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BONA, Pasquale. *Método Completo de Divisão Musical*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1996.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades@*: Juazeiro do Norte. Censo demográfico 2010: resultados da amostra - religião. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=230730&idtema=91&search=ceara%7Cjuazeiro-do-norte%7Ccenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 12 out. 2015.

BRITO, Carlos Renato de Lima. *Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte*. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado em Música) — Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

BULL, Georges. *25 pequenos estudos para piano*. São Paulo: Irmãos Vitale, [s.d.].

BURGMÜLLER, Friedrich. *Vinte e cinco estudos fáceis e progressivos para piano*. Vol. 1. São Paulo: Irmãos Vitale, 1963.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Estatuto*. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2013.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus: órgão*. n. 5. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2012.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Método de Teoria e Solfejo*. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2009.

CZERNY, Carl. *60 estudos para piano*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1932.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Psicologia na Educação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DENORA, Tia. *Music in Everyday Life*. Edinburgh: Cambridge, 2004.

ISBELL, Daniel S. Musicians and teachers: the socialization and occupational identity of preservice music teachers. *Journal of Research in Music Education*, v. 56, n. 2, p. 162-178, 2008.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Estudo de Caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório*. São Paulo: Atlas, 2009.

HARGREAVES, David J.; NORTH, Adrian C. The functions of music in everyday life: Redefining the social in Music Psychology. *Psychology of Music*, n. 27, p. 71-83, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

KAUFFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KÖHLER, L. *O pequeno pianista: 40 recreações para principiantes*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1947.

- LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. *Aprender e ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS*. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. *Educação Musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.
- NOVO, José Alessandro Dantas Dias. *Educação Musical no espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa-Paraíba*. 2015. 146f. Dissertação (Mestrado em Música) — Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- ROBERTS, Brian. Music teacher as identity construction. *International Journal of Music Education*, n. 18, p. 30-39, 1991.
- RECK, André Müller. *Práticas musicais cotidianas na cultura gospel: um estudo de caso no ministério de louvor “Somos Igreja”*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- RUSSO, Francisco. *Método infantil para piano com ilustrações*. São Paulo: Casa Wagner, 1998.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, n. 1, p. 1-15, 2009.
- SCHMOLL, A. *Novo método para piano: teórico, prático e recreativo*. Primeira parte. São Paulo: Casa Wagner, 1996a.
- SCHMOLL, A. *Novo método para piano: teórico, prático e recreativo*. Segunda parte. São Paulo: Casa Wagner, 1996b.
- SILVA, Tomás Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SOUZA, Jusamara. *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SOUZA, Jusamara. Educação Musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, p. 7-11, 2004.
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Rev. SOCERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.
- YIN, Robert K. *O Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.